

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KAYO GUYLHERME FERREIRA FERREIRA

**SEXUALIDADE, HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: uma revisão de literatura
sobre as produções acadêmicas entre os anos de 2012 e 2023**

SÃO LUÍS/MA

2025

KAYO GUYLHERME FERREIRA FERREIRA

**SEXUALIDADE, HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: uma revisão de literatura
sobre as produções acadêmicas entre os anos de 2012 e 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado, no formato de artigo, à
Coordenação do curso de Graduação em
Educação Física da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Licenciado em
Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Rarielle Rodrigues
Lima

SÃO LUÍS/MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ferreira Ferreira, Kayo Gylherme.

SEXUALIDADE, HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO FÍSICA : uma revisão de literatura sobre as produções acadêmicas entre os anos de 2012 e 2023 / Kayo Gylherme Ferreira Ferreira. - 2025. 47 p.

Orientador(a): Rarielle Rodrigues Lima.

Curso de Educação Física - Licenciatura, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Sexualidade. 2. Homofobia. 3. Professores. 4. Escola. 5. Gênero. I. Rodrigues Lima, Rarielle. II. Título.

KAYO GUYLHERME FERREIRA FERREIRA

**SEXUALIDADE, HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: uma revisão de literatura
sobre as produções acadêmicas entre os anos de 2012 e 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado, no formato de artigo, à
Coordenação do curso de Graduação em
Educação Física da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Licenciado em
Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Rarielle Rodrigues
Lima

Trabalho aprovado em ____/____/____

Banca examinadora

Profa. Dra. Rarielle Rodrigues Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Patrícia Fortes de Almeida
Colégio Universitário UFMA

Dedico este trabalho às duas mulheres mais importantes da minha vida, sendo elas minha mãe Alesilma Ferreira Ferreira e minha avó Marilú de Ribamar Balata Ferreira que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e me apoiando tanto emocionalmente, quanto financeiramente.

Dedico este trabalho ao meu avô Raimundo Antônio Ferreira que embora estivesse distante sempre que pôde me apoiou e que infelizmente veio a falecer durante o meu processo de formação.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por toda a sabedoria e por estar comigo me ajudando a trilhar este caminho, independente das minhas escolhas.

Ao meu pai Wellington Ferreira que participou ativamente do meu processo universitário.

Ao meu avô Agostinho Germano por ser minha referência enquanto cidadão.

Às minhas tias Alana Ferreira e Ândrea Ferreira por estarem ao meu lado me ensinando e me educando.

Aos meus irmãos Kayk Ferreira e Karolayny Ferreira, por serem meus melhores amigos durante toda a minha caminhada até então.

Aos meus amigos da escola Maria Isabela, Gracilene Feitosa, Vitor Almeida, Isabella Vitória, Kewelynn Queiroz, Gabryel Fernandes, Denis Aquino e Ellen Christina por estarem ao meu lado durante todo o meu processo escolar e continuarem ao meu lado durante o processo universitário me incentivando e dando conselhos.

Aos meus amigos universitários Thalyssa Oliveira, Sarah Silva, Vinicius Furtado, Sophia Silva, João Morais, Leticya Galvão, João Silva, Anna Vivian, Ludmille Lopes, Ricardison Alesy, Filipe Ribeiro, Paula Taciara, Vitor Cruz, Emilly Carine, Bruna Costa, Aryel Martins, Gabriel Viégas, Hends Abreu, Anna Luísa, Lwham Phyllip, Rafael Queiroz, Davi Silva, Thaís Leite, Naiara Martins os mesmos que estiveram ao meu lado nesta caminhada tanto nos momentos bons quanto nos momentos ruins.

Aos amigos que fiz através da UJS (União da Juventude Socialista), em especial Mariana Rosas, Mariana Lima, Ana Mota, Santiago Mota, Alinne Martins, Diego Melo, Manuela Nascimento, Tarcísio Sousa, Raffael Baima, Késia Sousa, Rilairy Faustina, Marcelo Xavier e Mykael Martins que estiveram ao meu lado e me ensinaram muito sobre as mais diferentes áreas de conhecimento.

À minha orientadora Profa. Dra. Rarielle Rodrigues Lima pela paciência e incentivo durante o processo de escrita deste trabalho.

À minha banca examinadora por aceitarem fazer parte do momento mais importante na construção deste trabalho.

À Universidade Federal do Maranhão por ter me proporcionado o espaço de formação importante e necessário durante toda a minha caminhada.

"Devemos promover coragem onde há medo,
promover acordo onde existe conflito e
inspirar esperança onde há desespero"

Nelson Mandela

"Não é crime ser homossexual, não é pecado
e não é doença. É somente o preconceito."

Luiz Mott

LISTA DE SIGLAS

CBCE: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

GTT: Grupo de Trabalho Temático.

LICERE: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

LGBTQI+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo e Assexuais, com o "+" adicionado para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais não especificadas na sigla.

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e o "+" que engloba outras identidades e orientações não mencionadas.

PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

SciELO: Scientific Electronic Library Online.

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1: Processo de seleção dos artigos analisados na revisão.....	19
Fluxograma 2: Seleção de artigos com base em cada um dos descritores.....	20
Quadro 1: Quadro sintetizador das publicações analisadas.....	21
Tabela 1: Distribuição temática dos artigos analisados.....	21
Quadro 2: Distribuição dos artigos analisados por autor, ano, título, objetivo e metodologia.....	22

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar as produções acadêmicas publicadas entre 2012 e 2023 que abordam as temáticas de sexualidade e homofobia no campo da Educação Física. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi conduzida por meio de uma revisão sistemática da literatura na base SciELO, utilizando descritores como “formação de professores”, “gênero e sexualidade”, “homofobia” e “Educação Física”. Foram selecionados 12 artigos que compuseram o corpus de análise. Os resultados apontam para a escassez de produções sobre o tema, concentradas majoritariamente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, e revelam que a presença de sujeitos LGBTQIAPN+ nos espaços formativos ainda encontra barreiras estruturais. O estudo destaca a importância de políticas formativas que reconheçam e acolham as diversidades, bem como o papel da Educação Física na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e antihomofóbicas.

Palavras-chave: Educação Física. Sexualidade. Homofobia. Formação de Professores. LGBTQIAPN+.

ABSTRACT

This final project aims to analyze academic literature published between 2012 and 2023 that addresses the topics of sexuality and homophobia in the field of Physical Education. The qualitative research was conducted through a systematic literature review in the SciELO database, using descriptors such as "teacher training," "gender and sexuality," "homophobia," and "Physical Education." Twelve articles were selected to comprise the corpus of analysis. The results highlight the scarcity of literature on the topic, concentrated primarily in the South and Southeast regions of Brazil, and reveal that the presence of LGBTQIAPN+ individuals in educational settings still faces structural barriers. The study highlights the importance of educational policies that recognize and embrace diversity, as well as the role of Physical Education in promoting inclusive and anti-homophobic pedagogical practices.

Keywords: Physical Education. Sexuality. Homophobia. Teacher Training. LGBTQIAPN+.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3. METODOLOGIA.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)¹ envolve muitos movimentos, uns envolvem olhar para si para identificar as mobilizações vividas e outros, os interesses de pesquisa. No meu caso, a aproximação da temática de interesse é atravessada pela minha história de vida e pelos caminhos que trilhei neste processo formativo como professor de Educação Física, no qual minha vivência em sexualidade, como homem bissexual, transpassa e se posiciona como elemento que precisa ser considerado nos espaços da Educação Física, quando se pensa diversidade e combate à homofobia.

Rememorar os acontecimentos nos espaços escolares como estudante e agora como professor em formação, me localiza em momentos dolorosos e em como as conduções realizadas nesses momentos interferiram na minha percepção sobre acolhimento e processos de ensino-aprendizagem. Uma destas memórias é sobre a primeira vez que eu fui alvo de homofobia, ainda nem sabia o que era, o que significava e muito menos que era bissexual, pois na época tinha apenas nove anos e tinha acabado de mudar de escola para a escola na qual estudei do 5º ano do ensino fundamental até finalizar meus estudos no ensino médio em São Luís/MA.

A educação básica para mim representou, por muito tempo, um lugar de violências, seja no contexto do gênero/sexualidade ou propriamente na homofobia. As “brincadeiras” que eram utilizadas para materializar seus ódios através das piadas ou as agressões diretas, faziam parte do meu cotidiano e se intensificava ainda mais nas aulas de Educação Física. A minha participação nas aulas de Educação Física só foi considerada depois de um tempo, especialmente pelo fato dos professores não executarem o planejamento dos conteúdos e ficávamos ‘soltos’ na quadra. À medida que cresci adotei outras estratégias de sobrevivência, já que minhas questões não eram validadas, assim o meu silenciamento foi se consolidando com o passar dos anos e que, agora, olhando para isso tudo, percebo quão cruel foi a negação que vivi.

A homofobia e o heterossexismo marcam profundamente a vida pessoal e profissional dos sujeitos e os espaços da Educação Física têm se constituído como um território em que esses comportamentos são constantemente estimulados e

¹ Este trabalho se consolida no formato de artigo científico.

reafirmados, seja na conduta dos/as docentes, na estrutura curricular, na hierarquia entre as disciplinas e seus conteúdos, nas representações que marcam certas temáticas de estudo e no fazer da disciplina. Enfim, é preciso admitir que a heterocisnormatividade atravessa a formação profissional. Diante desse reconhecimento, é imprescindível promover ações e debates com vistas a compreender que a performatividade de gênero e a sexualidade são diversas e constituem o caráter marcadamente plural da nossa sociedade (Jaeger et. al, 2019).

Durante as primeiras aulas lembro-me de me perguntarem o porquê de minha escolha pelo curso de Educação Física e não me lembro ao certo do que respondi, porém foi uma resposta vaga; hoje acredito que meu projeto de TCC apresenta boa parte do meu motivo de escolha de curso, assim como outros estudantes LGBTQIAPN+ podem ter vivenciado experiências no seu espaço de formação. Desde minha entrada no curso percebi que algumas coisas mudaram e outras nem tanto, falas e ações que antes eram muito mais intensas agora são realizadas de forma velada ou até mesmo em tom de “brincadeira”, como certa vez presenciei um professor falando que um aluno homossexual que não estava presente na sala não contava como homem.

É perceptível que as nuances homofóbicas estão presentes nos espaços de ensino, em intensidades distintas, e vivenciar isso, também, no ensino superior me aproximou das temáticas de gênero e sexualidade na Educação Física. Então, esta pesquisa nasce do corpo — de um corpo que sentiu medo, vergonha e silenciamento, mas também desejo, resistência e vontade de existir plenamente. Nasce das memórias de um sujeito bissexual que, ao longo de sua trajetória escolar e universitária, enfrentou olhares atravessados pela moral, risos abafados nos corredores, ironias nas quadras e silêncios nas salas de aula. Mas também encontrou afeto, abrigo e coragem para continuar — e, mais que isso, para falar.

Narrar essas memórias é um ato de afirmação e de pesquisa. É transformar a dor em dado, à vivência em saber, a escuta em política. Através deste estudo, buscamos compreender e analisar como é o processo de escrita de trabalhos voltados para a área de gênero e sexualidade dentro do âmbito da Educação Física, cujos atravessamentos se expressam na vida de quem escreve.

Sabemos que a Educação Física, historicamente alinhada aos padrões cisheteronormativos e masculinizados, tem sido um campo difícil para existências

que escapam da norma e se constituem dissidentes. No entanto, os sujeitos LGBTQIAPN+ não apenas resistem — eles reinventam as práticas, ressignificam os espaços e constroem outras maneiras de vivenciarem o processo formativo e a docência.

Inicialmente a proposta da pesquisa estava centrada em ouvir os/as estudantes do curso de Educação Física no Campus Cidade Universitária Dom Delgado, em São Luís, no entanto foi necessário reajustar a rota e caminhar por outras veredas que trazem a temática das experiências dissidentes nos espaços formativos de outras formas. Afinal, a compreensão do tempo é diversa e foi preciso traçar alternativas enquanto se espera o resultado do Comitê de Ética. Nesse sentido, saímos de uma pesquisa sentida, para uma possível. Os ajustes que fazemos em todos os nossos espaços de atuação como pessoa LGBTQIAPN+, também são simbolizados nas modificações de meu texto para que ele possa existir como possibilidade.

Em levantamento do Atlas da violência de 2025 (Cerqueira; Bueno, 2025), em relação à violência contra a população LGBTQIAPN+, têm se destacado a escalada de violência contra as sexualidades dissidentes, especialmente entre pessoas de 10 a 29 anos. De acordo com o relatório institucional:

Os dados do Atlas da Violência 2025 evidenciam um aumento nos registros de casos de violência contra pessoas LGBTQIAPN+. De 2022 para 2023, os casos de violência contra homossexuais e bissexuais registrados no sistema de saúde aumentaram 35%, enquanto os casos de violência contra pessoas transsexuais e travestis aumentaram em 43% (Cerqueira; Bueno, 2025, p.86).

É evidente o aumento do combate às possibilidades de existir que questionam a normativa cisheterossexual, sobretudo quando destacamos que o Brasil é um país conservador no qual ser parte da comunidade LGBTQIAPN+ é um intensificador de vulnerabilidade que culmina em diversas formas de violência, sejam verbais ou físicas. No entanto, é necessário destacar que o aumento das denúncias, também, é reflexo das mudanças culturais que nos afirmamos existir nos espaços que ocupamos, assumindo nossas vivências apesar das represálias. Assim, me proponho em mergulho sutil e teórico nas produções acadêmicas que abordam a temática sobre as experiências de professores/as da comunidade LGBTQIAPN+ no processo de ensino, formação e pesquisa em Educação Física tensionar as

seguintes questões: O que vem sendo dito nas produções científicas que atravessam a experiência de quem escreve em espaços de Educação Física localizados como LGBTQIAPN+? Quais são as narrativas? É possível traçar o perfil dessas escritas? Qual o papel das Universidades, com o curso de Educação Física, dentro dessas discussões?

Ao transformar a dor como combustível para a criação desta pesquisa, com este trabalho tento contribuir com uma análise feita a partir de um levantamento que reflete a mudança de ares que a sociedade tem passado. Este trabalho, embora uma revisão, para este jovem bissexual é uma busca incessante por uma luz num mundo que durante sua vida escolar pareceu tão sem cor. Sendo, também, um gesto de reconhecimento: de que nossas vidas importam, de que suas experiências ensinam, e de que suas memórias não são ruído, mas texto — um texto que precisa ser lido, ouvido e considerado na construção de políticas formativas mais humanas e comprometidas com a justiça social. Embora por um caminho diferente, mas sempre caminhando.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De modo geral, a formação inicial nos cursos de licenciatura em Educação Física ocorre de forma acrítica, priorizando o “saber fazer para ensinar”. Essa abordagem dá ênfase à dimensão esportiva, ainda fortemente influenciada pelo paradigma do alto rendimento e pela valorização dos indivíduos mais habilidosos (Darido, 2008).

Esse pensamento corrobora com a ideia de que temáticas como gênero e sexualidade dentro da aula de Educação Física são deixados de lado, uma vez que os docentes tendem a priorizar a prática esportiva acima de qualquer outro conteúdo. Sendo assim, a discussão sobre gênero e sexualidade dentro das escolas ainda encontra-se em defasagem, mesmo com o avanço da sociedade a frente dessas temáticas é importante ressaltar que existem poucas pesquisas que abraçam a temática, especialmente quando destacamos a Educação Física Escolar.

Butler (2024), aponta em seu livro “quem tem medo do gênero?”, que os enfrentamentos constituídos sobre a temática atravessam compreensões de controle e de domínio que estão alinhadas à manutenção de privilégios de uma existência

que coloca o gênero como elemento fantasmático e que deve ser combatido para que não se perca a compreensão de natureza inquestionável do divino. Desse modo, os impedimentos, os apagamentos e os silenciamentos que são impetrados à quem ousa falar e questionar fazem parte desse movimento que desvia atenção dos problemas sociais e coloca sobre a culpa única de ousar ser diferente os males da sociedade.

O debate com a temática vai muito além de um “capricho” ou algo a ser feito apenas na intenção de “militar/lacrar”, é uma temática que transcende as barreiras do tradicionalismo. Anjos (2014), afirma que as noções de masculinidade e feminilidade são comumente relacionadas ao gênero. O gênero é compreendido neste trabalho enquanto elemento mobilizador de poder e de disputa nas e das relações sociais que se concentram na diferença sexual, evidenciando as imposições sociais que definem modelos de “ser homem” e “ser mulher”. É, assim, uma importante categoria para a problematização de tais padrões.

Por gênero entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele (Goellner, 2010, p.75).

Considerando os entendimentos de Goellner (2010) sobre gênero e ampliando os entendimentos com Butler (2024; 2018), compreender que os atos performativos, aquilo que repetimos reiteradamente em nossas relações, são ações que dão a sensação de cristalização e naturalidade para o gênero, possibilita questionar e propor outras possibilidades de existências para além da dicotomia masculino/feminino.

Nos contextos escolares os enfrentamentos sobre a temática são constantes e isso se evidencia com as retiradas realizadas nos documentos oficiais de orientação curricular, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dos debates sobre diversidade, gênero e sexualidade nos componentes curriculares. Nesse sentido, as discussões sobre gênero e sexualidade na Educação Física têm sido

fundamentais para problematizar as estruturas normativas que moldam as práticas corporais e os espaços escolares. Não negamos que há diferenças anatômicas, questionamentos a utilização dessa diferença para estabelecer limites e condições de agir baseadas nessa diferenciação, principalmente nos contextos da Educação Física.

Destacar as produções que vem realizando esse movimento de questionamento e de modificação é importante, pois segundo Galvão e Pereira (2014), a produção científica sistematizada é essencial para consolidar o conhecimento e orientar políticas e práticas pedagógicas transformadoras. No entanto, a presença de temas como homofobia e diversidade sexual nas produções acadêmicas da área ainda é limitada, refletindo um desafio persistente na formação de professores, especialmente aqueles que pertencem à comunidade LGBTQIAPN+.

A homofobia, compreendida como a rejeição, preconceito ou aversão à diversidade sexual e de gênero, manifesta-se com frequência nas aulas de Educação Física, tradicionalmente marcadas por uma lógica binária e heteronormativa (Lima, 2020).

Prado (2017, p. 505) argumenta que

Dentro desse contexto educacional, o qual intercala discursos e silêncios em favor do processo de fabricação de sujeitos, os conhecimentos e práticas pedagógicas instituídas pelas diversas disciplinas se encontram relacionados com a construção de determinadas posições sociais.

Ampliando o cenário educacional para o ensino superior, no qual não se discute de maneira ampla as diversidades que atravessam o fazer pedagógico, essas ações impactam diretamente a formação de docentes que não apenas precisam lidar com essas barreiras enquanto educadores, mas também enquanto sujeitos LGBTQIAPN+ que vivenciam essas violências cotidianamente no ambiente escolar.

3. METODOLOGIA

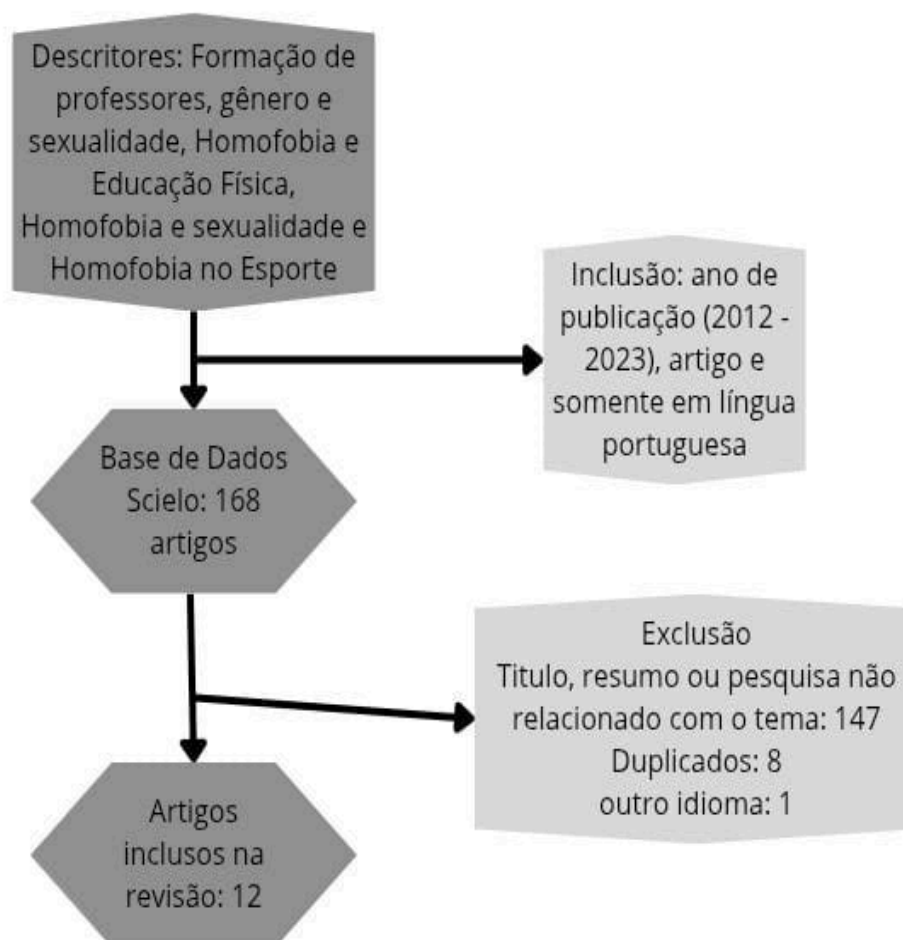
Este trabalho corresponde a uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica caracterizada como uma revisão sistematizada da literatura (Galvão; Ricarte, 2020).

A escolha por esse caminho metodológico deu-se pela natureza do tema abordado, que envolve questões sensíveis e profundamente enraizadas nas dinâmicas sociais, como gênero, sexualidade e a presença da homofobia no contexto da Educação Física e do esporte. Assim, construímos uma investigação que não apenas apresentasse dados, mas que também provocasse reflexões e questionamentos sobre as práticas educativas e formativas.

A pesquisa se organiza em etapas interligadas cadenciadamente como fluxo para aprofundamentos e análises: 1) Levantamento na base de dados Scielo; 2) Sistematização e categorização dos textos selecionados e 3) Análise e interpretação das informações categorizadas.

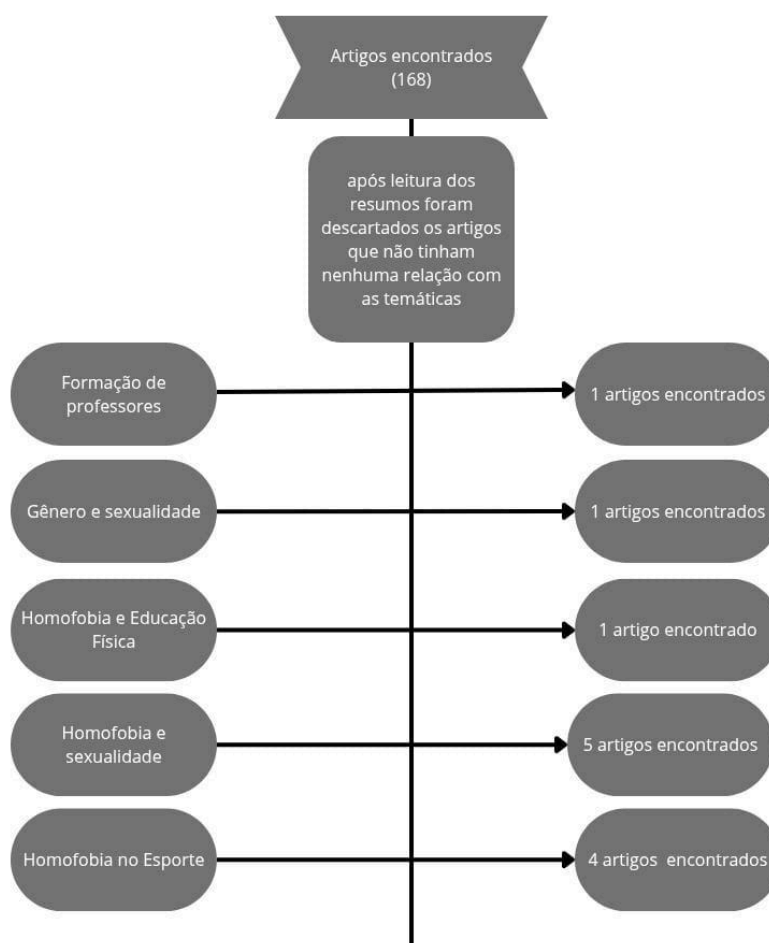
A etapa do levantamento da literatura ocorreu entre os meses de janeiro e março de 2024 na Plataforma SciELO, utilizando os descritores: Formação de Professores, Gênero e Sexualidade, Homofobia e Educação Física, Homofobia e sexualidade, e Homofobia no Esporte. Como critério de inclusão foi estabelecido produções disponíveis gratuitamente e na íntegra publicadas entre 2012 e 2023, em português, sendo excluídos os artigos repetidos e que não apresentassem relação a temática após a leitura dos resumos. O processo de seleção ocorreu conforme o fluxograma 1.

Fluxograma 1: Processo de seleção dos artigos analisados na revisão



Fonte: Autor, 2025

Fluxograma 2: Seleção de artigos com base em cada um dos descritores



Fonte: autoria, 2025

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 12 artigos para serem analisados. Os quais foram organizados em um quadro sintetizador (Apêndice A) com os dados: autor, ano da publicação, local da pesquisa, revista, título, objetivo, metodologia, resultados e conclusão conforme expresso no quadro 1.

Quadro 1: Quadro sintetizador das publicações analisadas

Autor	Ano de publicação	Local da pesquisa	Nome da revista	Título	Objetivo	Metodologia	resultados	Conclusão

Fonte: autoria, 2025

As análises foram realizadas em aproximação com a análise de conteúdo de Bardin (2016), com um caráter descritivo interpretativo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a construção do escopo de análise da pesquisa realizei o levantamento teórico-científico das produções sobre as relações de gênero e sexualidade na educação física, como já mencionado, foram identificados 168 trabalhos na base de dados Scielo, com as produções disponíveis entre 2012 e 2023. Após a identificação da disponibilidade na íntegra dos artigos, leituras dos resumos e reconhecimento de duplicidade, permaneceram 12 artigos que estão expressos no quadro 2.

A distribuição temática dos artigos está expressa na tabela 1, na qual é possível identificar que o maior quantitativo de produções se enquadram na percepção do termo homofobia que é associado ao esporte, à educação física e à sexualidade.

Tabela 1: Distribuição temática dos artigos analisados

Área temática	Quantitativo de artigos enquadros
Formação de professores	01
Gênero e sexualidade	01
Homofobia e educação física	01
Homofobia e sexualidade	05
Homofobia no esporte	04

Fonte: Autor, 2025

Quadro 2: Distribuição dos artigos analisados por autor, ano, título, objetivo e metodologia

Autor	Ano de publicação	Local da pesquisa	Nome da revista	Título
Ivan Luis dos Santos, Quenzer Matthiesen	2012	São Paulo	Revista. Educação Física	Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola
Luiza Aguiar dos Anjos	2014	Belo Horizonte	LICERE	Representações sobre Homossexualidades e Esportes
Suélen de Souza Andrés, Angelita Alice Jaeger, Silvana Vilodre Goellner	2015	Santa Maria - RS	Revista. Educação Física	Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do PIBID/UFSM
Priscila Gomes Dornelles, Maria Cláudia Dal'Igma	2015	São Paulo	Educação e Pesquisa	Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar

Galdino Rodrigues de Sousa, Fabiano Pires Devede, Talita de Resende Andrade, Elaine Valéria Rizzutti	2018	Florianópolis	Revista Motrivivência	A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da Educação Física
Aline Silva Nicolino, Marlucey Alves Paraíso	2018	Porto Alegre	Movimento	Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física
Angelita Alice Jaeger, Ivana Vedoin Venturini, Millena Camargo de Oliveira, Pedro Valdívia-Moral, Paula Silva	2019	Porto Alegre	Movimento	Formação profissional em Educação Física: homofobia, heterossexismo e as possibilidades de mudanças na percepção dos(as) estudantes
Cristiano Mezzaroba, Fernando Gonçalves Bitencourt	2020	Juiz de Fora	Revista Eletrônica de Ciências Sociais	Esporte e ideologia no periódico online El País Brasil
Camila Midori Takemoto Vasconcelos, Lílian Aparecida Ferreira	2020	Belo Horizonte	Educação em Revista	A formação de futuros professores de Educação Física

Daniel Cerdeira de Souza	2020	Salvador	Revista Psicologia Diversidade e Saúde	Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura
Luiza Aguiar dos Anjos	2021	Florianópolis	Revista Estudos Feministas	Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios
Cleuton dos Santos Silva, Luiza Aguiar dos Anjos, Christine Garcia Macedo	2023	Bahia	Revista Brasileira de Ciência do Esporte	Docentes homossexuais: história de vida de professores de Educação Física no Norte da Bahia

Fonte: Autor, 2025

Quando observamos o ano de publicação dos artigos, o ano de 2020 conta com o maior número de artigos (três), seguido dos anos de 2015 e 2018, ambos com dois artigos. Sobre o local de realização das pesquisas, estas se concentram no eixo sul-sudeste, o que nos leva a pensar sobre como as temáticas de gênero e sexualidade nos espaços da educação física nas outras regiões ainda é pouco identificado considerando os filtros utilizados no levantamento.

Sobre as escolhas das revistas para publicação, duas revistas apresentaram dois artigos analisados, a revista especializada Movimento que é vinculada ao curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Revista de Educação Física na Universidade Estadual de Maringá, os demais periódicos se concentram com apenas uma publicação presente na análise.

De maneira geral, o quantitativo dos estudos evidencia que, mesmo havendo um crescente interesse pelo tema, ainda há uma sub-representação de discussões voltadas à formação de professores LGBTQIAPN+ e às suas experiências dentro da Educação Física escolar. A formação docente deve, portanto, considerar as experiências e identidades dos professores em sua pluralidade, reconhecendo que a presença de educadores LGBTQIAPN+ representa uma potência pedagógica no combate à homofobia e na promoção de práticas inclusivas. A falta de pesquisas na área se traduz no inexpressivo investimento acadêmico, na falta de políticas públicas e na ausência de discussão sobre a sexualidade no processo de formação docente. Portanto, os trabalhos dizem, sobretudo, que a falta é estratégia mais eficiente para escolarizar a sexualidade na Educação Física (Nicolino; Paraíso; 2018).

Constatar que há poucas produções que atravessam as experiências sobre as temáticas de gênero, sexualidade e homofobia associada à Educação Física pode ser reflexo das compreensões sobre o gênero e sexualidade na sociedade em que vivemos, porém permitem identificar que há uma movimentação sobre o reconhecimento dos olhares que os estudos de gênero e sexualidade no pensar pedagógico da Educação Física.

Anjos (2014) em seu trabalho intitulado *“Representações sobre Homossexualidades no esporte”*, convoca os interessados a acompanharem

um debate crescente na sociedade sobre os discursos que entornam a homossexualidade no âmbito do esporte nacional. É relevante mencionar que o estopim para abordar a temática foi o caso de homofobia sofrido por um atleta em 2011. É importante ressaltar que a pesquisa traz uma profunda análise sobre como, em uma sociedade estruturada em torno de uma ideais no mínimo conservadores sobre gênero e sexualidade, ainda mais nos cenários esportivos, acabaram por ser potencializadas pela mídia e pela internet.

Desde a infância, meninos e meninas são ensinados a agir dentro de determinados padrões. Meninas devem fechar as pernas, cuidar da aparência, brincar de boneca. Meninos devem jogar bola, brincar de carrinho e falar grosso. E, com frequência, a inadequação a esse modelo é considerada um indício de homossexualidade (Anjos, 2014).

Segundo a autora, dentro do ambiente esportivo o homossexualismo é visto de forma adjunta ao gênero feminino e ambos são tratados como inferiores, até mesmo tratadas como adversários ao ideal masculino, no campo esportivo, principalmente em esportes marcados por força e competição. Ainda segundo a autora, essas ideias são temáticas recorrentes na área dos discursos apresentados por grandes jornais, que muitas vezes tentam mascarar estes ideais, negando a homofobia, tratando de forma natural essa agressividade dentro do esporte.

Já no trabalho *“Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios”*, Anjos (2021) realiza uma análise importante sobre a atuação da torcida organizada do Grêmio Tribuna 77 com relação à inclusão da comunidade LGBTQI+ dentro do espaço do futebol. É notório o esforço da autora com relação à Tribuna 77 e sua luta pela inclusão da comunidade, porém é válido ressaltar que apesar das tentativas e do material de análise (entrevistas, postagens e observações), são encontradas algumas contradições dentro do próprio grupo, que podem ser identificadas como frutos da cultura conservadora e tradicionalista do esporte em questão.

Nos últimos anos, é possível identificar uma série de iniciativas que promovem desestabilizações na primazia cis-heteromasculina do futebol. Equipes e ligas que congregam LGBTQI+s, movimentos de mulheres torcedoras, ações de repúdio ao machismo e à homofobia, ‘saídas do armário’ de

jogadores estrangeiros, desenvolvimento do futebol de mulheres etc (Anjos, 2021, p.2).

A autora nos convida a pensar sobre os avanços das ações no processo de visibilidade, no entanto, também nos convoca a reconhecer que os embates são proporcionais a esses avanços. Quando nos referimos ao futebol temos como elemento estabelecido uma prática masculina, a famosa “coisa de homem” que vem sendo questionada por outras práticas para além dessa compreensão única de quem pode jogar.

Mezzaroba e Bittencourt (2020) em seu artigo “*Esporte e ideologia no periódico on-line el País*”, analisam 103 reportagens do periódico online El país, realizando uma crítica sobre a “capa progressista” defendida pelo jornal, que de acordo com os autores é equivocada. É válido destacar que os autores apresentam uma crítica ao progresso de forma superficial realizada pelo periódico, como no caso de homofobia da “camisa 24” dentro do futebol, em que um atleta do Bahia veio a público dizer que se orgulhava de vestir o número, historicamente ligado a homossexualidade dentro do jogo do bicho, pelo animal viado. A crítica apresentada se centra na construção narrativa que foi estabelecida que o caso é excepcional e não uma realidade constante, algo que é contestado pelos autores.

O artigo “*Homofobia no futebol masculino*” de Souza (2020) apresenta que o futebol é o esporte que simboliza o Brasil, sendo assim o mesmo deveria ser um ambiente inclusivo e que fosse sinônimo de respeito. Porém, segundo a pesquisa tal ambiente não passa de um sonho, em um ambiente caótico inflamado pela mídia, por instituições e torcidas, acabou por se tornar natural ser um ambiente conservador e exclusivo. É válido ressaltar, que a pesquisa apresenta que a homofobia presente dentro do futebol é algo que está entrelaçado com outros marcadores sociais como classe e raça, em uma espécie de cristalização naturalizada.

O autor analisou seis artigos produzidos entre 2012 e 2018, um escopo curto para as compreensões de homofobia no esporte, tendo em vista que os estudos sobre o tema no Brasil são recentes. Para que se tenha uma ideia, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) criou somente em 2015 o GTT de gênero e somente em 2025, o GTT recebe a inclusão do termo

sexualidade. As produções apontadas por Souza (2020) nos faz pensar que o olhar sobre a homofobia no futebol ainda é vista com normalidade, especialmente quando se destaca a prática do futebol como uma característica masculina heterossexual.

Vasconcelos e Ferreira (2020) em sua pesquisa “*A formação de futur@s professor@s de Educação Física*”, analisam a importância da inclusão das discussões de gênero e sexualidade dentro da formação de docentes em Educação Física. Neste contexto, realizam entrevistas com 12 professores que atuam na educação superior e identificam que há um entendimento limitado sobre gênero e sexualidade, ligados às compreensões biológicas de diferenciação sexual.

Os autores destacam que mesmo em crescimento, a área em questão assusta os professores de graduação que optam por deixar de lado, uma vez que o currículo dos licenciandos é voltado para uma área de estudos biológicos, esportivos e escolar, ignorando sua importância dentro da formação acadêmica.

No estudo de Jaeger et. al (2019) sobre “*Formação profissional em Educação Física*” ocorre de maneira densa e profunda a discussão sobre homofobia e heteronormatividade dentro de universidades, principalmente nos cursos de formação em Educação Física bacharelado e licenciatura buscando evidenciar a função dos mesmos nesta discussão.

Os autores apontam que embora não esteja aparente, a homofobia continua presente dentro das universidades, porém de forma velada ou escondida em pequenas frases ou ações, na maioria das vezes realizadas pelos homens porém também praticado por mulheres.

Em “*Educar para a diversidade*” escrito por Andres et. al (2015), busca analisar como docentes supervisores e futuros docentes envolvidos no PIBID, trabalharam a temática de gênero e sexualidade e o quanto os mesmos compreendem sua importância. Sendo assim, tentando alcançar este objetivo utilizaram uma abordagem qualitativa com uma amostra de 20 pessoas entrevistadas. Com base nestas entrevistas os autores apontam que em sua maioria os futuros professores conhecem a área através de debates, porém os mesmos ainda apontam um desconhecimento quando existe um

aprofundamento na mesma, mirando um pouco do estereótipo com o qual a temática sofre.

Silva et. al (2023) em sua pesquisa “*Docentes homossexuais*”, se baseia em Foucault e sua teoria do discurso para fundamentalizar seu trabalho mencionando que a Educação Física reproduziu discursos homofóbicos e sexistas. Sabendo disso, os escritores optaram por realizar sua pesquisa através de uma metodologia conhecida como história oral e em suas entrevistas focaram em perguntas que envolvessem discursos de memória dos candidatos. É importante ressaltar que entendendo a sensibilidade da temática os autores procuraram os entrevistados através de uma técnica chamada bola de neve que atinge públicos de difícil acesso e entraram em contato através do whatsapp, assim evitando possíveis constrangimentos.

Em uma das entrevistas se destaca a realizada com o professor Christiano que evidencia como insultos e termos pejorativos fizeram parte de sua vida, demarcando-o como uma criança diferente dos outros meninos, o que motivava intimidações, às quais reagia com agressividade (Silva et. al, 2023). A partir desta fala carregada de dor, é possível entender o quanto é fundamental construirmos espaços formativos que combatam as violências sediadas na diversidade sexual e de gênero, proporcionar debates e discussões para que se desenvolva uma educação física antihomofóbica e feminista.

Nicolino e Paraíso (2018) em seu artigo “*Escolarização da sexualidade*”, faz um levantamento nas produções feitas 52 cursos de mestrado e doutorado mantidos por 32 Universidades. Com a realização desta pesquisa foi possível constatar que a maioria das pesquisas são realizadas por mulheres e estão centradas nos indicadores de gênero e corpo. Vale evidenciar que os autores deste artigo trazem uma análise, no mínimo interessante, sobre o “não dito” da sexualidade, fazendo uma crítica às definições de feminino, masculino e heterossexual dentro da aula de Educação Física e até mesmo em seus conteúdos.

No artigo “*Orientação sexual e Educação física*” escrito por Santos e Matthiesen (2012), os autores evidenciam a polêmica existente dentro da temática sexualidade dentro da escola em decorrência das multifacetadas presentes dentro da escola como por exemplo crenças e “valores”. Com este

trabalho os autores buscam compreender como o docente de Educação Física se vê ao trabalhar a sexualidade dentro das aulas. Um ponto marcante deste trabalho é quando alguns dos entrevistados relatam que é comum ao trabalharem a temática ouvirem falas preconceituosas, e que é importante entender de onde surgiram estas falas.

A sexualidade sempre foi algo marcante na vida do ser humano, porém, ao que parece, na sociedade moderna ela ganhou uma evidente centralidade, influenciada, principalmente, pelas mudanças nos hábitos de vida, com possibilidades distintas de prazer e novas formas de intervenção tecnológica. (Santos; Matthiesen, 2012).

Sousa et. al (2018) em sua pesquisa *“A homofobia como uma das faces do bullying”* faz um levantamento bibliográfico sobre a área e constata que existe uma destacar que foram utilizados somente quatro periódicos, especialistas no assunto.

Ao apresentarem que o bullying homofóbico pode se caracterizar pela incitação ao ódio, à perseguição, à difamação e/ou à violência contra pessoas que possuem identidade sexual diferentes da heterossexual. Os autores somentam que o indivíduo não precisa ser gay, lésbica, bissexual ou transexual para sofrer dessa violência, basta que possua “trejeitos” ou escolhas que sejam lidas como características de homossexuais, lésbicas, bissexuais ou transexuais, vistas como socialmente “inadequadas” à cisheteronorma.

Os autores enfatizam que é preciso combater esse tipo de violência cada vez mais crescente, sendo esse um dever do Estado, de suas esferas e de seus representantes (Sousa et. al, 2018). sendo importante que a escola esteja presente nesse combate, através de conscientização ou até mesmo mudanças sutis em suas aulas e dinâmicas que criem um debate ou uma discussão internamente sobre suas ações.

Em seu artigo *“Gênero, sexualidade e idade”* Dornelles e Dal’Ignall (2015), levantam uma problemática sobre o papel normativo da escola e da Educação Física, principalmente na hora de trabalharem sexualidade. Os resultados do mesmo apontam que a relação de gênero, sexualidade e idade, não são uma regra exata, no entanto se manifestam primeiro no sexo masculino. Com estes resultados os autores criticam a escola e a Educação

Física, com a óptica que ao tratarem a sexualidade e idade de forma regulatória acabam por impulsionar o pensamento heteronormativo.

Ao investirmos na análise de modos contemporâneos de compreensão da vida e de conformação dos sujeitos sociais, esperamos ter contribuído para colocar sob suspeita práticas pedagógicas e conhecimentos produzidos, os quais têm determinado quem pode conhecer, quando se pode conhecer e o que se pode conhecer na educação escolar (Dornelles; Dal'Ignall, 2015, p. 1597).

Este pensamento corrobora com a ideia crítica que o texto levanta sobre a relação da escola com a Educação Física e o momento de trabalhar determinadas temáticas. É importante ampliar a voz que ecoa as violências silenciosas e silenciadas que atravessam o sistema escolar. Os artigos analisados demonstram que ações que localizam, mesmo que minimamente, tentativas de questionamentos e escutas, sejam por análises documentais, sejam por entrevistas, são indispensáveis para o tensionamento do campo de produção de saber da Educação Física.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização desta escrita, mesmo que provisoriamente, me coloca em um lugar reflexivo sobre como os embates que atravessam sexualidade, gênero e Educação Física ainda estão distantes de serem compreendidos como necessidade de intervenção, embora os conflitos sejam constantes. É incontestável a homofobia estrutural como campo de consolidação do domínio dos corpos e apagamento das diversidades.

É importante ressaltar que a invisibilização das diversidades é fruto não só de uma homofobia estrutural, advinda do tradicionalismo e conservadorismo de gerações posteriores, mas também de uma reprodução massiva de desinformações geradas pela mídia e pela internet. Dessa forma uma tecnologia que deveria auxiliar no combate contra a LGBTfobia, acaba indo de encontro aos ideais que pessoas homofóbicas defendem.

Embora seja uma ação em crescimento, as narrativas apresentadas, de forma geral, apontam para um caminho que localiza os espaços de formação

de professores como uma saída para que ocorra a mudança de condução sobre os corpos e como a Educação Física é peça-chave nessa mudança. Entendo que as transformações culturais são lentas e que as disputas que se colocam nos contextos de existências em diversidade constituem teias que ao se equilibram entre avanços e retrocessos para que ocorram deslocamentos a favor da diferença.

O quantitativo dos artigos analisados permite localizar as produções como qualitativas, associando a pesquisa de campo com entrevistas e análises bibliográficas. As compreensões de gênero e sexualidade se colocam em espaços de construção social, construindo entendimentos dos estudos culturais e pós-estruturalistas. Os estudos que se concentram em sexualidade primariamente, partem das compreensões de Michel Foucault em sua maioria.

Reconheço que as limitações do estudo se alocam no quantitativo de artigos analisados, o período da busca e na base de dados tornando o estudo um processo exploratório. No entanto, é possível trazer alguns questionamentos quanto ao eixo de localização das produções (sul-sudeste), especialmente sobre os acessos às publicações e às revistas especializadas das demais regiões, afinal, a visibilidade científica também é atravessada pelo discurso cisheteronormativo.

Este estudo corresponde a um passo inicial de um caminho que trilho com a necessidade de me constituir profissionalmente combatente em relação às violências que nos atingem cotidianamente por sermos quem somos. Assim, finalizo ampliando a voz dos muitos que falam por mim.

REFERÊNCIAS

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFSM). *Revista da Educação Física/UEM*, v. 26, n. 2, p. 167-179, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/refuem/a/tBG5Bswrz7HGpgmgw98VXwz/?lang=pt>.

Acesso em: 28 jan. 2024.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Representações sobre homossexualidades e esportes: desdobramentos para o campo do lazer. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 17, n. 1, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/625>. Acesso em: 28 jan. 2024.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, p. e79318, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/pnGMbLy9JbqY3HtYvfW3TXL/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?*. São Paulo: Boitempo, 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2025*. Brasília: Ipea; FBSP, 2025. 174 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>. Acesso em: 12 jul. 2025.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 25-31, 47-82.

DORNELLES, Priscila Gomes; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. *Educação e Pesquisa*, v. 41, n. spe, p. 1585-1599, 2015. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022015000501585&script=sci_abstract. Acesso em: 28 jan. 2024.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *LOGEION: Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, set. 2019/fev. 2020. Disponível em: <https://sites.usp.br/dms/wp-content/uploads/sites/575/2019/12/Revis%C3%A3o-Sistem%C3%A1tica-de-Literatura.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183–184, mar. 2014. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/105085>. Acesso em: jul. 2025.

JAEGER, Angelita Alice et al. Formação profissional em Educação Física: homofobia, heterossexismo e as possibilidades de mudanças na percepção dos (as) estudantes. *Movimento*, v. 25, p. e25040, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/gnqdmRbtN9sPSDSdXcTkPbM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2024.

LIMA, Rarielle Rodrigues. Quem disse que não posso jogar? Relações de gênero nos espaços da Educação Física Escolar em Pio XII/MA. São Luís: EDUFMA, 2020.

MEZZAROBA, Cristiano; BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Esporte e ideologia no periódico on-line El País Brasil. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 31, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/csonline/article/view/30497>. Acesso em: 21 mar. 2024.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física.

Movimento, v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/72058>.

PRADO, V. M. do. Entre queerpos e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 501–519, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i2.0012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8809>. Acesso em: 11 jul. 2025

SANTOS, Ivan Luis dos; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 23, p. 205-215, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/QbFKsCGQBYK6FktSwjwFQLx/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SILVA, Cleuton dos Santos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MACEDO, Christiane Garcia. Docentes homossexuais: história de vida de professores de Educação Física no Norte da Bahia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 45, p. e20230009, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/NkMvhHcmBbzHbRL6DHjkYSg/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SOUSA, Galdino Rodrigues de et al. A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da Educação Física. *Motrivivência*, v. 30, n. 54, p. 245-262, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n54p245>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SOUZA, Daniel Cerdeira de. Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 9, n. 2, p. 222-231, 2020. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2817>. Acesso em: 21 mar. 2024.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. *Educação em Revista*, v. 36, p. e209700, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/nhzvnNmtMP7L6wYRcC4Dh8B/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Apêndice A: Quadro sintetizador completo com as informações de autoria, ano de publicação, local da pesquisa, nome da revista, título, objetivo, metodologia, resultados e conclusão

Autor	Ano	Local da pesquisa	Nome da revista	Título	Objetivo	Metodologia	resultados	Conclusão
Daniel Cerdeira de Souza	2020	Salvador	Revista Psicologia e Saúde	Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura	Discutir o futebol no mundo futebolístico	Foi escolhido uma revisão narrativa como caminho metodológico. Os critérios de escolha dos artigos foram a configuração temporal entre 2012 e 2018, nos idiomas de português e inglês.	Os resultados foram alinhados em 5 tópicos: - Futebol como contexto performatividade de modalidade; - Homossexuais no futebol; - A homosociabilidade e do futebol; - Os estádios, a torcida, a linguagem e a	O autor conclui que o futebol ultrapassa a barreira do esporte e se torna um campo de relações de poder e de masculinidade. Há um cenário hostil quanto aos Homossexuais, porém é possível ver uma mudança a longo prazo.

							mídia; - Torcidas Queers e Inclusão.	
Luiza Aguiar dos Anjos	2014	Belo Horizonte	LICERE	Representações sobre Homossexualidades e Esportes	Defender que determinadas representações dos esportes e imposições que regulam o ser homem e o ser mulher legitimam ou não a participação dos sujeitos em determinadas práticas.	Esta é uma pesquisa qualitativa, usando como fonte de dados jornais que publicaram sobre o episódio de homofobia dentro da superliga de vôlei masculina	Ainda que não de forma absolutamente consensual, defenderam que manifestações de homofobia da torcida são expressões coerentes com um modelo hegemônico de esporte, assentado em valores associados à masculinidade hegemônica, como força, virilidade, agressividade e	Analisar posicionamentos que debatem a legitimidade das manifestações contra Michael é uma atitude útil ao processo de questionamento do preconceito de sexualidade e gênero presente nos ambientes esportivos. Nesse sentido, problematizar discursos que afetados/produzidos por um rede de poder ganham o status de verdade subsidiando tais formas de

							competitividade.	regulação faz-se não apenas necessário, mas também urgente. Romper o silêncio é (apenas) o primeiro passo.
Cristiano Mezza roba, Fernando Gonçalves Bitencourt	2020	Juiz de Fora	Revista Eletrônica de Ciências Sociais	Esporte e ideologia no periódico online El País Brasil	Refletir sobre o discurso midiático em torno do esporte.	O trabalho utilizou uma abordagem qualitativa exploratória, e foi identificado e analisado 103 reportagens na revista "El país Brasil".	O trabalho traz como resultado que apesar das reportagens da revista terem total fundo lucrativo está havendo uma mudança quanto a esse fim lucrativo envolvendo a meritocracia tão presente no capitalismo.	O trabalho consegue alcançar seu objetivo, ao trazer evidências e citar reportagens que confirmam o quanto o discurso midiático dentro do esporte é feito para fins capitalistas e lucrativos.

Luiza Aguiar dos Anjos	2021	Florianópolis	Revista Estudos Feministas	Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios	Analisar a torcida "gremistas da tribuna 77", a fim de discutir seus posicionamentos e estratégias referente à presença de pessoas LGBTQI+ no futebol e à homofobia.	A pesquisa em questão usa como base a Tribuna 77, escolhida por ser uma torcida reconhecida como torcida militante, assim como houve entrevista com um de seus integrantes e uma partida assistida junto a torcida	Embora o trabalho apresenta incoerência por parte da torcida Tribuna 77 que mesmo com a tentativa de inclusão, uma parte do grupo apresenta contradições advindas do tradicionalismo do esporte	A referida torcida não defende um futebol inclusivo devido a diferenças de ideologia. Na verdade tem na trajetória e história do Grêmio, na sua antiga torcida gay, e no aparente alinhamento de valores dos torcedores.
------------------------	------	---------------	----------------------------	---	---	---	--	---

Galdino Rodrigues de Sousa , Fabiano Pires Devid e, Talita de Resen de Andra de, Elaine Valéria Rizzuti	2018	Florianópolis	Revista Motrivivência	A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da Educação Física	Mapear artigos a respeito da temática de gênero, bullying e Educação Física Escolar, dentro de 4 periódicos, bem como a possível relação entre homofobia e bullying homofóbico.	Foi realizado um levantamento de artigos nos periódicos nacionais. Existiu uma comparação entre relação entre os objetivos dos artigos. Houve a criação de gráficos e tabelas."	Como resultados foi levantado que o bullying se faz presente nas pesquisas de Educação Física, e que ainda não existem pesquisas que relacionem o bullying e a homofobia, em relação a revistas de Educação Física. Assim, não é possível detectar estratégias de intervenção para as aulas de Educação Física quando esses comportamentos acontecerem.	É possível concluir como é importante que estudos se atentem a possíveis problemas com relação ao bullying homofóbico nas práticas corporais da aula de Educação Física.
---	------	---------------	--------------------------	--	---	---	---	--

Camila Midori Takemoto Vasconcelos, Lílian Aparecida Ferreira	2020	Belo Horizonte	Educação em Revista	A formação de futuros professores de Educação Física	Identificar e analisar as percepções de graduandos de um curso de formação inicial de professores de Educação Física sobre as temáticas “gênero” e “sexualidade”.	O estudo pautou-se por uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Com uma série de entrevistas semiestruturadas.	A partir dos resultados obtidos, foi possível observar que, embora os graduandos tenham apresentado algum contato com tais temáticas na educação básica e na graduação, elas apontaram fragilidades conceituais e a falta de articulação entre a teoria e a prática dessas temáticas ao longo do curso.	A formação inicial dos professores, reside uma proposta de ensino que costuma fragmentar teoria e prática, comprometendo suas possibilidades formativas, o que, no caso do gênero e da sexualidade, dificulta aos(as) graduandos(as) o cotejamento de situações concretas da escola com o que é estudado/discutido na universidade.
---	------	----------------	---------------------	--	---	--	---	---

Suélen de Souza André, Angilita Alice Jaeger, Silvana Vilodre e Goellner	2015	Santa Maria - RS	Rev. Educ. Fís.	Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do PIBID/UFSM	Analisar como estudantes e supervisoras participantes do subgrupo Educação Física do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Maria compreendem temas afetos às relações de gênero e de sexualidade.	A abordagem qualitativa e contou com a colaboração de vinte estudantes e quatro docentes supervisoras das escolas envolvidas no Programa.	Seus resultados apontam que existe uma associação entre os conceitos de gênero e sexualidade cujas explicitações mantêm forte relação com aspectos biológicos do corpo e estão assentadas quase que exclusivamente em normas heteronormativas.	Para além dessa constatação consideramos que a pesquisa desenvolvida possibilitou que estudantes e supervisoras observassem o gênero e a sexualidade como marcadores sociais que integram suas próprias identidades.
--	------	------------------	-----------------	--	--	---	--	--

Ivan Luis dos Santos, Sara Quenzer Matthes	2012	São Paulo	Rev. Educ. Fís.	Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola	Investigar como os professores de Educação Física compreendem o papel deste componente curricular no trabalho de orientação sexual nos anos finais do Ensino Fundamental.	A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, e a entrevista semiestruturada foi a estratégia escolhida para a coleta dos dados descritivos presentes no discurso dos professores	Uma análise criteriosa dos resultados obtidos mostra que não se pretendeu legitimar, nem formular juízos absolutos sobre os posicionamentos dos professores a respeito de seus respectivos trabalhos, mas sim, conhecer os principais elementos que fundamentam suas práticas pedagógicas.	A Educação Física, se olhada pelas suas relações interdisciplinares e pela complexa rede de sentidos e significados a ela inerentes, pode contribuir significativamente no estabelecimento de valores e percepções em torno da sexualidade.
--	------	-----------	-----------------	--	---	--	--	---

Priscila Gomes Dornelles, Maria Cláudia Dal'Igma	2015	São Paulo	Educação e Pesquisa	Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar	Analisar a produção da hétero(normalização) do gênero e da sexualidade em articulação com a idade na trama da Educação Física escolar.	Foi realizado um seminário de formação com de professores e utilizaram o grupo focal e entrevista.	A pesquisa aponta para certa conexão, por vezes contínua e, em outros momentos, descontínua, entre gênero, sexualidade e idade nas aulas de educação física da região investigada.	Os debates realizados neste artigo são tidos como importantes na discussão sobre as práticas mobilizadoras da
--	------	-----------	---------------------	--	--	--	--	---

Aline Silva Nicolino, Marlucy Alves Paraíso	2018	Porto Alegre	Movimento	Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física	Trata-se de identificar o que a área vem produzindo sobre o tema e os efeitos desses saberes no contexto escolar	Para analisar esse processo de escolarização dos saberes referentes à sexualidade recorremos às produções desenvolvidas nos 52 cursos de mestrado e doutorado em Educação Física no Brasil, mantidos por 32 universidades públicas e particulares.	Foi identificado que diversas demandas relacionadas ao debate de sexualidade estão submetidas a heterossexualidade	Falta que se traduz no inexpressivo investimento acadêmico, na falta de políticas públicas e na ausência de discussão sobre a sexualidade no processo de formação docente. Portanto, os trabalhos dizem, sobretudo, que a falta é a estratégia mais eficiente para escolarizar a sexualidade na Educação Física.
---	------	--------------	-----------	---	--	--	--	--

Cleuton dos Santos Silva, Luiza Aguiar dos Anjos, Christine Garcia Macedo	2023	Bahia	Revista Brasileira de Ciência do Esporte	Docentes homossexuais: história de vida de professores de Educação Física no Norte da Bahia	Analisar as vivências de professores gays que lecionam a disciplina de Educação Física no Norte da Bahia.	Foram analisadas oito entrevistas no formato de história oral de professores autodeclarados homossexuais.	Verificamos que as experiências adquiridas ao longo dos seus processos de formação pessoal foram marcadas pela marginalização, enraizadas em nossa sociedade heteronormativa. Contudo, sua atuação aponta para uma maior inclusão e resistência.	A escolha pela profissão foi influenciada pela região em que vivem, onde as opções eram limitadas, mas também a aproximação a práticas corporais como a musculação e esportes. A atuação desses professores parece indicar uma superação do que viveram na escola, buscando um maior diálogo entre a teoria e a prática, e diversificando as atividades.
---	------	-------	--	---	---	---	--	--

Angeli ta Alice Jaeger, Ivana Vedoin Venturini, Millena Camar go de Oliveira, Pedro Valdívila-Moral, Paula Silva	2019	Porto Alegre	Movimen to	Formação profissional em Educação Física: homofobia, heterossexism o e as possibilidades de mudanças na percepção dos(as) estudantes	Conhecer a percepção de estudantes de Educação Física acerca de comportamentos e comentários homofóbicos e heterossexistas presentes na formação profissional, identificando sugestões para torná-la mais receptiva à diversidade de sujeitos.	Esta pesquisa mista contou, primeiramente, com 260 estudantes que responderam um questionário que foi analisado a partir da frequência de respostas. Na segunda etapa participaram 19, divididos em 3 grupos focais, cujo conteúdo foi transcrito e submetido a análise de conteúdo com auxílio do software QSR Vivo.	Os resultados apontam que é forte a incidência de comportamentos e comentários homofóbicos e heterossexistas entre estudantes, ocorrendo sobretudo entre os homens.	Está pesquisa conclui que existem limitações no trabalho pelo seu local de pesquisa, é sugerido que sejam realizadas novas pesquisas em outros locais
--	------	-----------------	---------------	---	---	---	--	--